

Uma leitura de violências contemporâneas: o outsider em “Clube da Luta”, de Chuck Palahniuk

A reading of contemporary violence: the outsider in “Fight Club”, by Chuck Palahniuk

Verônica Maria Bianco Barbosa¹

Resumo: O objetivo deste estudo é pensar o *outsiderismo* enquanto fenômeno ancorado na contemporaneidade, bem como as suas relações com a produção de violência no contexto social. Nossa reflexão far-se-á acerca do romance *Clube da Luta* (1999) de Chuck Palahniuk, cuja personagem narradora é representante da figura do *outsider* - indivíduo inadequado por excelência quanto ao meio social que o cerca e à sua própria identidade. Este indivíduo desperta para o caos que é despercebido pelas massas e, a partir de uma conjuntura de negação e destruição de um modelo vigente, instaura uma luta – compreendida em seus aspectos intelectuais, emocionais e corporais – em busca do autoconhecimento, da autoexpressão e da liberdade. Buscamos aqui explorar as relações que existem entre o protagonista desviante da ficção, estrangeiro de si mesmo e estranho do outro, e o processo de produção de violência na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Outsiderismo; Violência; Clube da Luta; Chuck Palahniuk.

Abstract: The aim of this study is to think the outsider phenomenon, anchored in contemporaneity, as well as its relations with the production of violence in the social context. Our reflection will be done on the novel *Fight Club* (1999), wrote by Chuck Palahniuk, whose narrator character is a representative figure of the outsider - subject inadequate about the social environment that surrounds him and inadequate about his own identity. This individual awakens to the chaos that is unseen by the masses and, from a situation of denial and destruction of an existing model. He establishes a struggle, whether intellectual, emotional or physical, in search of self-knowledge, of self-expression and freedom. We intend to explore the connexions that exist

¹ Mestranda em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: veronica.biano@gmail.com.

between this deviant individual, stranger of himself and stranger of the others, and the production of violence.

Keywords: Outsider; Violence; Fight Club; Chuck Palahniuk.

“You do not talk about Fight Club”

Tyler Durden

Introdução

É a partir do berço esplêndido do capitalismo que o escritor Chuck Palahniuk concede vida a personagens cujos conflitos, em grande parte, são reflexos das sombras do *american way of life* proclamado e comercializado pelas mídias como caminho para alcançar uma meta social de sucesso e realização. Em suas obras, Palahniuk constrói um caminho de reflexão assaz fecundo no que concerne o lugar do sujeito frente ao contexto da contemporaneidade e, particularmente, frente a problemas de cunho existencial e identitário em meio ao turbilhão dos tempos atuais. Seus personagens, construídos, em alguma medida, a partir de uma realidade de exclusão e/ou marginalização social compõem-se em tubos de ensaios que permitem ao autor abordar as mais diversas temáticas relativas a tal contexto e, para o leitor perspicaz, a verdade desses personagens constitui-se fonte de reflexão fecunda acerca do contexto social extra-romanesco.

A violência, em suas mais diversas formas, revela ser uma temática substancialmente relevante na escrita de Palahniuk. A marginalização das personagens, por vezes, parte de atos de violência, sejam eles de cunho psicológico, moral, físico ou social, e é também, por sua vez, um dispositivo fabricante de mais violência, uma vez que as reações que são desencadeadas nesses indivíduos marginalizados são marcadas pela agressividade e/ou pela (auto)destruição.

“Clube da Luta” foi a primeira obra publicada do autor. O texto que dá vida a Tyler Durden, personagem que se tornou célebre no hall da cultura pop, foi o carro chefe do estilo da escrita de Palahniuk. A narrativa, contada a partir da perspectiva de um narrador-personagem desprovido de nome próprio e que adota vários lampejos de identidade ao longo da narração, conduz o leitor a um universo diegético, do qual já é sabido o fim cronológico, uma vez que é a partir

dele que a narração se inicia. É a partir da condução do protagonista, então, que são desvelados os eventos que o conduziram até o fim, já previamente anunciado, e que são apresentados para o leitor os pontos de viragem da história, que conduzem a revelações inesperadas na narrativa.

O estilo que Palahniuk emprega em seus escritos é marcado pela utilização de frases curtas que, não raras as vezes, se repetem ao longo do texto, como uma cadência. O humor, em sua face cínica e irônica é outro elemento caro à construção palahniukiana. De escrita seca, enxuta e direta, parágrafos e capítulos curtos e fluidos, humor sarcástico envolto em episódios trágicos e referências que misturam o pop e anticonsumo, o estilo do autor insere-se no que ele próprio habituou-se a chamar de ficção transgressional, o que não deixa de ser uma espécie de estratégia textual violenta, no sentido do estranho, do incômodo, do choque.

Ficção Transgressional

A expressão foi cunhada pela primeira vez por Michael Silverblatt em um artigo intitulado “ABORDAGEM DO CHOQUE / Quem são esses escritores e por que eles querem nos machucar?: A Nova Ficção Transgressional” (*SHOCK APPEAL / Who Are These Writers, and Why Do They Want to Hurt Us? : The New Fiction of Transgression*), publicado em 1993, no jornal estadunidense *Los Angeles Times*. Silverblatt teria buscado as raízes da ficção transgressional na obra de Marquês de Sade e escrito, a partir de uma tendência percebida à época da redação de seu artigo – a saber, a inclinação de jovens escritores ao recurso do choque em seus textos, ao que chamamos de literatura de Tântatos, que se inclina à morte e à destruição.

Por ficção transgressional, entende-se um tipo de escrita cujo cerne compreende personagens e/ou situações que não mais suportam normas e expectativas sociais estabelecidas e procuram libertar-se de tais amarras sociais por seus próprios termos. A narrativa aborda temas tabus concernentes a drogas, violência, incesto, sexo, crimes, etc. Embora haja ainda pouca literatura científica relativa à temática, ela nos permite a visualização de um norte no que tange o estudo que pretendemos realizar do texto “Clube da Luta”, enquanto narrativa de transgressão, na qual a violência marginaliza e produz

marginalização entre as personagens. Interessa-nos investigar o lugar de onde fala a personagem principal, porta-voz da transgressão, e as diferentes manifestações de violência desencadeadas por ações pautadas pelo sentimento de inadequação.

Da violência externa que se direciona para o interior – ou o insustentável mal-estar

Em “Clube da Luta”, Chuck Palahniuk ilustra diferentes possibilidades de vetores da força da violência que, de alguma maneira, atingem o indivíduo. Seu texto é fonte de reflexão tanto sobre os atos de violência que partem do exterior, do social, em direção ao sujeito, quanto da violência gerada no interior do indivíduo e que encontra vasão em direção ao exterior, ao ambiente.

O primeiro mote de violência na narrativa parte dos efeitos causados a partir da influência que o modelo da organização social exerce sobre o indivíduo. Daí, tem-se a descrição de uma estrutura que prega a produção em série, a plastificação da vida, o consumismo exacerbado e a necessidade da obtenção de sucesso social, incorporada no acúmulo de bens e recursos. A personagem narradora encontra-se tão afundada nesse contexto que o peso do padrão de vida torna-se insustentável, ao ponto de provocar afetações em seu estado de saúde física e, como veremos, mental.

E eu não era o único escravo do instinto de transformar o lar em um ninho. As pessoas que conheço que costumavam ir ao banheiro e levar pornografia agora se sentam na privada com seus catálogos de móveis da IKEA.

Todos nós temos a mesma poltrona Johanneshov com o mesmo padrão Strinne de listras verdes. A minha caiu quinze andares, em chamas dentro de uma fonte.

Todos nós temos luminárias Rislampa/Har de arame e papel reciclado não desbotável. As minhas são como padrão confete.

Compramos tudo isso sentados na privada.

Um conjunto de facas Alle. Puro aço inoxidável e que vai na lava-louça.

O relógio de parede Vold de aço galvanizado, ah, eu tinha que ter um.

As estantes modulares Klipsch, é claro que sim!

As caixas de chapéu Hemlig? Manda!

[...]

Levei a vida toda para comprar tudo isso.

[...]

Você compra móveis. E pensa, este é o último sofá que vou precisar na vida. Você compra o sofá e fica satisfeito durante uns dois anos porque, aconteça o que acontecer, ao menos a parte de ter um sofá já foi resolvida. Depois precisa do aparelho de jantar certo. Depois da cama perfeita. De cortinas. E do tapete.

Então você fica preso em seu belo ninho e as coisas que costumavam ser suas agora mandam em você.” (PALAHNIUK, 2012, p. 40-50)

A individualidade da personagem também é um alvo fragilizado da violência do turbilhão social no qual está inserida. O traço mais marcante de sua ausência de singularidade é a inexistência, ou a sonegação, de um nome próprio. A individualidade da personagem seria esmagada pela coletividade do social, sendo apagada na narrativa. Ao longo do desenvolvimento do texto, o narrador circula tal problemática ao declarar: “Nunca dou meu nome verdadeiro nos grupos de apoio” (PALAHNIUK, 2012, p. 19). Ele assume então identidades efêmeras em cada grupo de apoio que frequenta e sua maior identificação é realizada por meio de Tyler, personalidade iconoclasta criada por seu subconsciente e que assume seu corpo sempre que o narrador dorme.

A expressão de estados emocionais da personagem narradora também chama a atenção para a ausência de marcas de singularidade. Percebemos a dificuldade do narrador em expressar-se por si mesmo na sociedade, seu embaraço em inscrever-se autonomamente por meio de sua identidade no social. Frequentemente ele se utiliza de frases inspiradas em revistas antigas, cuja seção de um caderno de humor continha artigos nos quais órgãos humanos ganham voz e falam sobre si mesmos em primeira pessoa como subterfúgio para expor sua raiva ou angústia:

Sou o Ducto Biliar Enfurecido de Joe. [...]

Sou os Dentes Rangendo de Joe. [...]

Sou as Narinas Dilatadas de Joe. [...]

Sou os Punhos Tensos de Joe. [...] (PALAHNIUK, 2012, p. 71)

Destarte, durante todas as tentativas de libertação da personagem em resposta à sua posição de desajuste no corpo social, revela-se o mal-estar cultural latente. A busca pela felicidade, o programa de ser feliz incansavelmente

difundido pelos meios de comunicação em sociedade são freados pela situação social. Seu artifício é, então, aproximar-se da morte como estratégia para a obtenção de vida:

Meu médico disse que, se eu queria ver sofrimento de verdade, devia aparecer na igreja da Primeira Eucaristia em uma terça à noite. Ver os parasitas cerebrais, as doenças degenerativas dos ossos, as disfunções cerebrais orgânicas. Ver as pessoas com câncer se superando.

Então eu fui. (PALAHNIUK, 2012, p. 19)

Nunca mais voltei ao médico. Nunca mais masquei a raiz de valerina.

Aquilo era libertador. Perder todas as esperanças era libertador. Se eu não dissesse nada, as pessoas do grupo sempre supunham o pior e choravam mais. Eu chorava mais. Olhe para as estrelas e desapareça. (PALAHNIUK, 2012, p. 23)

Entretanto, a trégua encontrada no mergulho da personagem em um instinto de morte é interrompida a partir do irrompimento do Eros, até então anulado entorpecido. O contato do narrador com Marla Singer faz emergir novamente o mal-estar de outrora e lhe devolve as complicações que ele julgava terem ido embora.

Dois anos de sucesso até esta noite, pois não consigo chorar com essa mulher me observando. Se não consigo chegar ao fundo do poço, não posso ser salvo. Mordo tanto a parte de dentro da boca que minha língua acha que tem papel picado lá. Não durmo há quatro dias. (PALAHNIUK, 2012, p. 23)

Estou no alto do edifício Parker-Morris com a arma de Tyler a boca. Enquanto mesas, arquivos, computadores caem como meteoros sobre a multidão em volta do prédio, a fumaça sai pelas janelas quebradas e a três quarteirões daqui a equipe de demolição fica de olho no relógio, tudo o que seu é o seguinte: a arma, a anarquia e a explosão, isso tudo tem a ver com Marla Singer. (PALAHNIUK, 2012, p. 13)

É preciso, então, encontrar outro caminho para o retorno ao estado de calma. É aí que Tyler Durden faz-se presente, como válvula de escape criada na mente do narrador: “Não sou Tyler Durden. Tenho múltiplas personalidades e ele é a minha outra metade” (PALAHNIUK, 2012, p. 244). Tyler estabelece um novo padrão: a violência como mecanismo na luta contra o mal-estar social. É

em Tyler que o narrador encontrará vasão, ao mesmo tempo, de Eros e Tânatos. Tyler fará do narrador um *outsider* e o levará até as derradeiras consequências da recusa e contestação das leis sociais, e empreenderá esforços para o estabelecimento de uma nova ordem, fundada sobre o caos.

Adoro tudo a respeito de Tyler Durden, sua coragem e inteligência. Sua energia. Tyler é engraçado, charmoso, forte e independente, e os homens olha para ele e esperam vê-lo no comando de seus mundos. Tyler é capaz e é livre, e eu não.

Não sou Tyler Durden. (PALAHNIUK, p. 117)

Em resumo, o desconforto social da personagem permaneceu velado, manifestando-se em patologias, até que atingisse um ponto de insustentabilidade. A violência foi, então, sua resposta ao exterior. A partir daí, ele assume uma posição de recusa e contestação da ordem. Começa a refletir sobre a forma como deveria viver, em lugar de aceitar os padrões em voga. Logo, torna-se *outsider* e inicia seus esforços para reorganizar o caos. Todavia, seria ainda preciso que ele rompesse as amarras da velha cultura e, para isso, ele deveria chegar ao fundo do poço.

Da violência interna que segue para o exterior – ou o *outsiderismo*

“Somos os filhos do meio da história, criados pela televisão para acreditar que algum dia seremos milionários, astros de filmes ou da música, mas não seremos. E estamos entendendo isso agora – Tyler falou. – Então não venha foder com a gente.” (PALAHNIUK, 2012, p. 206)

A partir daí, inicia-se um novo norte de observação para nosso estudo. Toda a violência condensada no interior do indivíduo direcionar-se-á para o exterior, ocasionando um círculo vicioso de promoção de mais violência por parte do meio social em direção ao indivíduo. Ao corpo do narrador soma-se a iconoclastia de sua mente personificada em Tyler, que o conduz ao desmantelamento dos padrões da estrutura social, fonte de opressão.

A passagem em que o narrador procura ajuda em Tyler pela primeira vez, após ter tido sua casa explodida por uma bomba caseira é bastante

esclarecedora no que diz respeito à função exercida por esta personagem na vida do narrador:

Ligo para Tyler.
O telefone toca na casa alugada de Tyler na Paper street.
Por favor, Tyler, me livre dessa roubada.
E o telefone continua chamando.
O porteiro se inclina sobre o meu ombro e diz:
- Muitos jovens não sabem o que querem de verdade.
Preciso que me resgate, Tyler, por favor.
E o telefone chama.
- Os jovens pensam que querem o mundo inteiro.
Me livre das mobílias suecas.
Me livre da arte rebuscada.
E o telefone chama outra vez e Tyler atende.
- Se não sabe o que quer – o porteiro continua -, acaba tendo um monte de coisas que não quer.
Que eu nunca me sinta completo.
Que eu nunca me sinta satisfeito.
Que eu nunca seja perfeito.
Me salve, Tyler, de ser completo e perfeito. (PALAHNIUK, 2012, p. 52)

O interior dos pensamentos do narrador ressoa em sua voz. A inserção de uma instância externa – a voz do porteiro – na fala da personagem, serve de contraponto ao discurso que está sendo interpolado e reitera a posição do narrador, de distanciamento frente aos modelos sociais vigentes, bem como a sua intenção em negá-los ao ponto de destruí-los.

A identificação do narrador de “Clube da Luta” com a figura do *outsider* é estabelecida na medida em que ambos experienciam e moldam seus discursos a partir do lado de fora do *establishment* social. O *outsider* não é somente aquele que quebra regras, mas, sobretudo, aquele que enxerga em seu desejo de viver uma função primordial em seu modo de vida. Enquanto *outsider*, há na personagem narradora do romance

[...] o vislumbre de poder, o contato com alguma realidade, a percepção de uma nova área de sua própria consciência, experimentados num momento de tensão emocional [...]. Há a constante busca de estímulo, a análise da força motriz dos outros e da sua própria. (WILSON, 1985, p. 34)

Segundo Colin Wilson, “há um desejo de “progredir” em todos os *outsiders*”, contudo, “não essencialmente de um progresso social” (WILSON, 1985, p. 38). Wilson aponta que para esta categoria de sujeitos, estranhos ao meio social e estrangeiros de si mesmos, “não basta aceitar um conceito de ordem e viver de acordo com ele; isso é covardia, e tal covardia não pode resultar em liberdade” (WILSON, 1985, p. 49). Para o *outsider*, não há como contornar a seguinte asserção: o caos precisa ser enfrentado.

No romance de Palahniuk, o caos é enfrentado por meio da instauração de mais caos. As regras, tanto dos Clubes da Luta, quando do Projeto Desordem e Destruição que o sucedeu geram o “caos organizado, a burocracia da anarquia” da nova ordem paralela.

O que Tyler fala sobre sermos o lixo e os escravos da história é como me sinto. Queria destruir todas as coisas bonitas que nunca tive. [...]

Queria que o mundo chegasse ao fundo do poço. [...]

Durante milhares de anos os humanos foderam, sujaram e fizeram merda com este planeta e agora a história espera que eu limpe tudo. Tenho que lavar e amassar minhas latas de sopa. E dar conta de cada gota de óleo de motor usado.

E tenho que pagar a conta do lixo nuclear, tanques de combustível enterrados e terra cheia de lixo tóxico jogado lá uma geração antes de eu nascer. (PALAHNIUK, 2012, p. 153-154)

É o Projeto Desordem e Destruição que salvará o mundo. Uma era de gelo cultura. Uma idade das trevas induzida prematuramente. O Projeto Desordem e Destruição forçará a humanidade a ficar em hibernação ou em remissão por tempo suficiente para que a Terra se recupere. [...]

Do mesmo jeito que o clube da luta faz com escriturários e bilheteiros, o Projeto Desordem e Destruição quebrará a civilização para que possamos fazer do mundo um lugar melhor. (PALAHNIUK, 2012, p. 155)

Todavia, a inadequação do *outsider* em relação ao contexto em que vive é só uma das faces de seu problema. Wilson aponta que a principal preocupação do *outsider* é encontrar o caminho de volta para si mesmo, de forma que a outra face de seu problema refere-se à sua própria identidade. Se ele não conhece a si próprio, não é capaz de encontrar seu lugar no mundo. A diferença entre o

outsider e um sujeito comum é que o *outsider* tem consciência de sua estranheza em relação a si e da falta de liberdade que isso desencadeia. Assim, seus esforços vão na direção de encontrar “uma maneira de agir na qual ele se aproxime mais de si, isto é, no qual ele obtenha a autoexpressão máxima” (WILSON, 1985, p. 69).

Finalmente, o grande problema do *outsider* encerra-se em sua dificuldade em expressar-se, sua tragédia é uma dificuldade de autoexpressão. “Acima de tudo, ele gostaria de saber como se expressar, porque este é o meio pelo qual pode se conhecer e às suas potencialidades ocultas” (WILSON, 1985, p. 202). Sua tentativa de obter o controle, de ordenar o caos e de romper com a cultura massificada são irrupções de seus esforços de autoinscrição no mundo.

É, pois, por meio da violência que o narrador de “Clube da Luta” congrega os polos de interesse do *outsider*. Seus atos de violência respondem à sua inadequação ao social e seu ímpeto de negação e destruição de um modelo vigente, enquanto que seu caminho para o autoconhecimento é realizado por meio da autodestruição.

Eu não queria fazer aquilo, mas Tyler me explicou tudo, falando sobre não querer morrer sem cicatrizes, de estar cansado de ver apenas os profissionais lutando e de querer saber mais sobre si mesmo.

E sobre autodestruição.

Naquela época a minha vida parecia completa demais, e talvez tenhamos que quebrar tudo para construir algo melhor em nós mesmos. (PALAHNIUK, 2012, p. 61-62)

É a busca pela autodescoberta das personagens o que instaura a luta que nomeia o romance. É a procura por esse conhecimento acerca de si que leva o narrador à iconoclastia de Tyler e ao Clube da Luta. Em suma, o âmago das ações do narrador e de Tyler enquanto *outsiders* concentra-se na expressão por meio da violência. Ela é o mecanismo pelo qual as personagens são retiradas de suas zonas de conforto, como também, a partir do qual a mecanicidade habitual das relações sociais é abalada.

- Enquanto permanecer no clube da luta você não é definido por quanto dinheiro tem no banco. Você não é o seu trabalho. Não é a sua família nem é quem acha que é.

- Você não é o seu nome – ele grita para o vento.

[...]

- Você não é os seus problemas.

- Você não é a sua idade. (PALAHNIUK, 2012, p. 178)

O que as pessoas são no clube da luta não tem nada a ver com o que são no mundo real. Mesmo se você disser ao garoto da copiadora que a luta dele foi incrível, não estará falando com o mesmo homem.

A pessoa que sou no clube da luta não é a mesma que meu chefe conhece.

Depois de uma noite no clube da luta, tudo que existe no mundo real passa a ter menos importância. (PALAHNIUK, 2012, p. 57)

Considerações Finais

Esse sujeito inominado, alvo e promotor de uma cultura de violência, que rejeita os padrões estabelecidos e propõe uma nova ordem ao caos social nos possibilita reflexões não só de cunho teórico-literário, uma vez que enxergamos neste campo do conhecimento, a literatura, como um lugar também de espelhamento frente ao social. Quando nos debruçamos sobre os mecanismos e produção e propagação de violência na sociedade contemporânea, obras de impacto, como “Clube da Luta” – fruto possível somente no lugar e no tempo em que nasce – constituem-se como ferramenta profícua para reflexões sobre o indivíduo e o seu lugar no espaço.

Giorgio Agamben, ao indagar o que vê quem vê o seu próprio tempo, postula que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” Sendo assim, “todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros.” (AGAMBEN, 2009, p. 62). Refletir sobre problemas que assolam indivíduos e grupos sociais é, pois, debruçar-se sobre a contemporaneidade, e este é um papel concernente também à literatura. “Clube da Luta”, então, revela-se uma narrativa que mergulha na obscuridade do presente, na inquietação e na violência dessa sociedade e possibilita a inclusão do estranho, *alter* no establishment social.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro

PALAHNIUK, Chuck. **Clube da Luta**. Tradução de Cassius Medauar. São Paulo: Leya, 2012.

PALAHNIUK, Chuck. **Fight Club**. United States: W. W. Norton, 1996.

WILSON, Colin. **O outsider** – o drama moderno da alienação e da criação. Trad. Margarida Maria C. Oliva. São Paulo: Martins Fontes, 1985.